

Roteiro de documentário: Aplicação conceitual na elaboração de um roteiro sobre a história do Teatro Municipal de Uberlândia¹

Fernanda Torquato Braga SILVA²
Universidade Federal de Uberlândia, Uberlândia, MG

Resumo

Este artigo pretende discorrer sobre a estrutura de roteirização de documentários proposta pelo autor Alan Rosenthal (2002) além de utilizá-la na elaboração de um roteiro sobre a história do Teatro Municipal de Uberlândia, uma obra de Oscar Niemeyer. O objetivo é certificar que o uso da teoria auxilia o documentarista a construir o roteiro de forma a tornar o documentário informativo e atrativo ao público.

Palavras-chave: documentário; roteiro; Alan Rosenthal; Oscar Niemeyer; Teatro Municipal de Uberlândia.

Introdução

Muito se discute a respeito da elaboração de roteiros para documentários. Alguns autores defendem a realização de documentários sem roteiros predefinidos, alegando que eles roubariam a espontaneidade do filme. Outros defendem roteiros estruturados, embasados em pesquisas sobre o tema, como é o caso de Alan Rosenthal (2002).

Esse trabalho pretende utilizar conceitos do autor para evidenciar a importância da elaboração de um roteiro, para que um documentário de caráter histórico se estruture de maneira informativa e atrativa ao público. Por isso, primeiro vai discorrer sobre alguns conceitos do autor e, em seguida, demonstrar a aplicação deles na elaboração de partes de um roteiro do documentário intitulado “Entre Retas e Curvas: uma história do Teatro Municipal de Uberlândia”³. Não sem antes contar um pouco da história do teatro, com base em uma pesquisa feita principalmente no jornal Correio de Uberlândia⁴ para que sejam

¹ Trabalho apresentado no GP Cinema do XV Encontro dos Grupos de Pesquisa em Comunicação, evento componente do XXXVIII Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação.

² Mestranda Programa de Pós-graduação em Tecnologias, Comunicação e Educação da Universidade Federal de Uberlândia, UFU, email: fernandatorquato@yahoo.com.

³ Documentário a ser produzido como exigência parcial para obtenção do título de mestre no Programa de Pós-graduação em Tecnologias, Comunicação e Educação da Universidade Federal de Uberlândia.

⁴ O jornal no qual a pesquisa foi realizada passou por algumas mudanças de nome ao longo de sua história. Da criação em 1938 até 1991 teve como título “Correio de Uberlândia” e tinha edições dominicais com o título “Correio de Domingo” a partir daí passou a se chamar “Correio do Triângulo”, nome que permaneceu até 1995, quando passou a se chamar somente “Correio”. Mas em 2006 voltou ao nome original e até hoje permanece como “Correio de Uberlândia”.

evidenciados os motivos de sua escolha para ser o tema do documentário que será produzido pela autora deste artigo.

Roteiro de documentário segundo Rosenthal

O documentarista Alan Rosenthal em seu livro *Directing and producing documentary films and vídeo (2002)* diz que a ideia de um documentário precisa nascer de um profundo desejo do documentarista de falar sobre aquele assunto. Mas alerta que somente o desejo não é suficiente, também é preciso saber se existe uma boa história a ser contada. “Para fazer bons documentários, você precisa de um forte impulso narrativo e um conto que pode ser contado da forma mais convincente e dramática possível”. (ROSENTHAL, 2002, p. 10, tradução nossa)

O autor ainda orienta que o documentarista se atente a outras questões como, por exemplo, analisar se o documentário será viável, se contará com personagens fortes e interessantes que sustentem a história, se ele terá um baixo ou alto orçamento, se o tema teria apelo amplo do público e qual a abordagem será dada ao assunto. Depois de responder as perguntas Rosenthal orienta que se parta para a parte de pesquisa. Ele propõe dividir a pesquisa em quatro seções: a primeira é a investigação em impressos, a segunda em fotografias e filmes de arquivo, a terceira a realização de entrevistas e a quarta o envolvimento com os participantes do filme em seu ambiente. Mas ele reconhece que, na prática, essas quatro formas de investigação podem ocorrer todas ao mesmo tempo.

O roteiro vem em seguida. Na verdade, segundo Rosenthal ele pode ser feito logo do surgimento da ideia do documentário, mas deve ser melhor estruturado ou revisto depois da pesquisa. Para o autor é depois da fase de investigação que coisas estão começando a se esclarecer na mente do documentarista e ele já consegue encontrar a abordagem, estrutura certa e já começa a vislumbrar uma possível abertura, meio e fim do filme.

O autor afirma que a pesquisa gera muitas ideias e perguntas e na hora de escrever o roteiro é preciso decidir quais as ideias serão usadas e de que forma. É preciso filtrar, concentrar em algo e eliminar muitas coisas, sempre tendo em mente o objetivo do filme. Além disso, Rosenthal afirma que os roteiros precisam conter as ideias principais, uma progressão lógica, uma visualização, uma abertura, um ritmo e um clímax.

Tendo decidido sobre as ideias principais Rosenthal afirma que é preciso organizá-las em blocos lógicos ou sequências que levam naturalmente para a próxima sequência. Para o autor, as sequências são séries de cenas que possuem elementos comuns, ideias,

personagens, visuais, ações, trilha sonora... Ele acredita que ao montar as sequências é preciso se perguntar qual é o ponto de vista daquela sequência, o que é possível mostrar para tornar aquele ponto de vista evidente, o que os personagens estão fazendo e ainda se o acréscimo de música, diálogo, efeitos e comentários vão torna-la mais eficaz.

Rosenthal afirma que em filmes históricos ou em ensaios, será usada a narração para unificar as sequências, porém no cinema *verité* ou observacional o diálogo do filme é ordenado pelas próprias sequências. Segundo o autor essa forma de ordenar o filme se torna muito mais difícil.

Quando você começa a pensar em colocar suas sequências em algum tipo de ordem, mantenha dois pontos em mente. Em primeiro lugar, lembre-se que há uma tremenda diferença entre a lógica de cinema e a lógica matemática. A primeira é muito mais evasiva, emocional e insubstancial. [...] O segundo ponto a se ter em mente é que a lógica progressiva das ideias tem que ser paralela ao desenvolvimento visual e emocional do filme. (ROSENTHAL, 2002, p. 88, tradução nossa)

De acordo com Rosenthal a ordem mais simples e natural de se apresentar as ideias é por meio da progressão cronológica, mas pode-se considerar também um desenvolvimento espacial. “A progressão cronológica é a mais antiga forma de contar histórias. É o método mais utilizado porque satisfaz nossa curiosidade natural para ver o que acontece em seguida”. (ROSENTHAL, 2002, p. 89, tradução nossa)

Além da progressão cronológica, o autor diz que é possível desenvolver um roteiro a partir de da evolução de uma crise ou conflito, que pode usar a cronologia, mas o foco é a resolução do conflito. “A progressão cronológica e a progressão conflito são as duas linhas mais comuns à maioria dos documentários, seguido de perto pelo motivo de procura, ou a caça para a solução do mistério”. (ROSENTHAL, 2002, p. 89, tradução nossa)

Para o autor, muitas vezes, ao olhar para o roteiro o diretor vai ser levado a diferentes direções e possibilidades e o problema maior é decidir se prossegue de forma cronológica, intelectual ou espacial. Para resolver essa situação Rosenthal aconselha que sejam feitas as seguintes perguntas: será que está sendo feito está confundindo o espectador? Será que vai ajudar ou prejudicar o drama e a emoção da história? O autor afirma que “em nove de cada dez casos, o diretor vai achar que é melhor se manter dentro de uma progressão cronológica e ficar com uma localização física”. (ROSENTHAL, 2002, p. 94, tradução nossa)

Além do tipo de progressão do filme Rosenthal afirma que durante a elaboração do roteiro é preciso estar atento à possibilidade de visualização daquilo que se propõe. “Uma

de suas primeiras tarefas é escolher as imagens que irão provar seus pontos mais imaginativos de uma maneira interessante”. (ROSENTHAL, 2002, p. 96, tradução nossa)

Outra questão a ser observada no roteiro é que a abertura do filme deve logo cedo prender o interesse do espectador e definir muito rapidamente sobre o que é o filme e para onde ele está indo. “A abertura "gancho" deve despertar a curiosidade do público. Você apresenta uma situação intrigante e diz "Olhe-me! Você vai ficar fascinado ao ver para onde estamos indo para levá-lo””. (ROSENTHAL, 2002, p. 102, tradução nossa)

De acordo com o autor, um bom começo leva a audiência a criar expectativa, então surge um problema: como sustentar o interesse pela próxima meia ou uma hora? Rosenthal afirma que uma forma de solucionar essa questão é ter uma estrutura sólida para o filme que contemple ritmo, velocidade e clímax. “Estes são, obviamente, não apenas elementos de filmes documentários, mas elementos que todo escritor - se romancista, dramaturgo, ou diretor - tem que se preocupar”. (ROSENTHAL, 2002, p. 114, tradução nossa)

Em relação à velocidade e ao ritmo, Rosenthal diz que o filme precisa ter um fluxo lógico e emocional e o nível de intensidade deve variar, além disso, os conflitos devem crescer em força para manter nosso interesse até construir um clímax convincente. Para que isso seja alcançado, ele orienta que as sequências não sejam longas, que elas não fiquem soltas, que tenham uma ligação, que não sejam muito parecidas, que o filme tenha um equilíbrio entre as cenas de ação e de reflexão e que se fique atento para o desenvolvimento ou a ordem lógica e emocional dessas sequências. Rosenthal afirma que a queixa de que o filme está lento e arrastado é frequente em relação a documentários, principalmente naqueles que dão muitos detalhes sobre processos e pessoas, sejam elas interessantes ou não. Rosenthal orienta que outra maneira de lidar com o andamento ou velocidade e ritmo do filme é colocar um final definitivo, uma resolução.

Quando o fim não é tão claro, muitos documentaristas colocam uma "montagem" final, fazendo um resumo rápido das maiores figuras do seu filme. Às vezes funciona, mas, geralmente, parece-me uma confissão de falha. (ROSENTHAL, 2002, p. 116, tradução nossa)

Rosenthal finaliza dizendo que é trabalho do escritor estabelecer as soluções para o ritmo, andamento e clímax do filme, porém o editor também desempenha papel importante.

Os ritmos e soluções que você, como um escritor coloca no papel podem não funcionar necessariamente quando traduzidas para as realidades da filmagem. Então, como muitas vezes acontece, escritor, editor e diretor devem trabalhar em

conjunto para encontrar uma resposta. (ROSENTHAL, 2002, p. 117, tradução nossa)

Teatro Municipal de Uberlândia

A história do Teatro Municipal de Uberlândia começa em 1989, quando Virgílio Galassi, o então prefeito da cidade, vai até Brasília se encontrar com o Ministro da Cultura, José Aparecido Martins e lhe pede apoio para a construção de um Centro Cultural na cidade. O Ministro teria entrado em contato com o arquiteto Oscar Niemeyer que por sua vez doou o projeto a Uberlândia. O episódio é noticiado no jornal Correio de Uberlândia do dia 24 de janeiro de 1989. De acordo com a reportagem o Centro Cultural seria composto por um teatro com capacidade para 1.000 lugares, um teatro de arena, uma biblioteca e uma galeria de arte. A reportagem informa ainda que o prefeito acreditava que a construção do Centro Cultural não seria fácil.

Apesar de estar ciente da importância da construção deste centro, principalmente, no que diz respeito, a atender a necessidade de ampliação do espaço cultural, o prefeito está certo também “que não será uma tarefa fácil”. Segundo ele, “nós vamos viabilizar essa construção de duas formas com os recursos da comunidade e com a liberação de verbas da Lei Sarney (que garante recursos para iniciativas culturais)”. (UBERLÂNDIA, 24. jan. 1989, p.3)

Naquela época a obra seria construída em um terreno da Universidade Federal de Uberlândia, que teria cedido o espaço em regime de comodato. Como explicou a secretária de cultura, Terezinha Magalhães, em uma entrevista ao jornal Correio de Domingo:

O terreno foi cedido pela Universidade, e nós estabelecemos um convênio com a UFU, em que 180 dias o Centro será de utilização da Secretaria e 180 dias da Universidade. Os custos da manutenção e administração também serão divididos. (RIBEIRO, 01. out. 1989, p. 15).

Para arrecadar os recursos necessários para a obra, na ordem de um milhão de cruzados novos a secretária de cultura, Terezinha Magalhães, foi quem começou a reunir os empresários para que conhecessem o projeto, entendessem como funcionava a doação de recursos por meio da Lei Sarney que deduzia as doações do Imposto de Renda e pudessem contribuir. Mas o tempo foi passando, a Lei Sarney foi suspensa e a recessão que atingia o país na época do Plano Brasil Novo, conhecido como Plano Collor, colocava em questão a necessidade da construção do Centro Cultural. Em entrevista ao Correio de Domingo em abril de 1990, o secretário de finanças da época, Paulo Ferolla, revelou: “as empresas estão

sem cruzeiros e prefeito vai esperar um pouco para voltar a pedir a contribuição do empresariado local para a construção do Centro Cultural”. (ONÓRIO, 15 abr. 1990, p. A-3)

Dois anos depois, segundo reportagem do Correio de Domingo de outubro de 1992, a falta de verbas atrasava a construção do Centro Cultural e o que havia sido arrecadado por meio da Lei Sarney havia sido gasto com projetos estruturais, elétricos, hidráulicos, acústicos, cênicos e de iluminação. Mas a secretária de cultura, Terezinha Magalhães ainda acreditava na possibilidade de o Centro Cultural ficar pronto em dezembro de 1993 e que a próxima administração teria a responsabilidade de construí-lo. (UBERLÂNDIA AWM, 18 out. 1992, p. 21)

Mas o prefeito seguinte, Paulo Ferolla não deu seguimento a captação de recursos para a construção do Centro Cultural de Niemeyer e acabou propondo a construção de um Centro Cultural menor. De acordo com reportagem publicada em setembro de 1993 no Jornal Correio, o prefeito havia sido surpreendido durante a I Semana Estudantil da UFU com a reivindicação feita em nome da comunidade universitária, para que fosse construído o Centro Cultural. Diante do pedido o prefeito tomou a tribuna e disse que o projeto arquitetônico de Oscar Niemeyer era muito caro e chegou a classificá-lo como “faraônico”. Mas Ferolla propôs a construção de um Centro Cultural, segundo ele dentro das necessidades e possibilidades do município, em parceria com a UFU. O prefeito se comprometeu a arcar com 50% do custo em 1995, porque o orçamento de 1994 já estava fechado. O jornalista informou ainda que o reitor da universidade, Nestor Barbosa, também ficou surpreso com a reivindicação, mas aceitou a parceria. O reitor ainda propôs que a coordenação e a administração do projeto deveriam ser feitas pela UFU, além disso, sugeriu a realização de um concurso nacional para o projeto arquitetônico. O jornalista terminou a matéria de forma opinativa: “O acordo entre cavalheiros foi firmado diante de quase mil pessoas, aplaudido, fotografado, gravado e filmado, pelo setor de Audiovisual da UFU. Não dá para voltar atrás.” (PAMPLONA, 15 set. 1993, p. C1)

Porém o episódio ficou mesmo só na promessa e em 1997 o prefeito que havia começado o sonho da construção de um Centro Cultural na cidade com assinatura de Oscar Niemeyer retornou ao poder. Virgílio Galassi foi eleito por mais quatro anos e quis retomar os trabalhos de captação de recursos para a obra. Essa seria a missão da nova secretaria de cultura, Myrthes Lintz. Porém durante o período de um ano e meio Myrthes não deu continuidade à captação, a construção não foi iniciada e ela pediu exoneração do cargo, alegando motivos pessoais. (CORREIO, 26 jun. 1998, p. 3)

Para ocupar a pasta foi chamada novamente por Virgílio Galassi, Terezinha Magalhães. A secretária continuou as captações para a construção de um Teatro Municipal, mas já não era mais o Centro Cultural de Niemeyer. Um novo projeto, de um arquiteto local, Saul Vilela surgiu e foi considerado mais viável economicamente. De acordo com reportagem do jornal do dia 1º de julho de 1998, a esperança é de que o Cactu, como era chamado o Centro de Arte e Cultura e Teatro de Uberlândia, ficasse pronto em 2000, ainda na gestão de Virgílio Galassi e que isso seria possível porque o projeto estava muito detalhado e poderia ser executado em um ano e meio. A reportagem explica também que o recurso para a obra viria da Lei Rouanet. O novo teatro de 8.000 m² seria construído em uma área da prefeitura na Av. Rondon Pacheco. A ideia do arquiteto, segundo a reportagem era que o teatro tivesse três níveis e fosse erguido sobre um “espelho d’água”. Ainda fariam parte do projeto um restaurante, uma lanchonete, lojas, espaço para convenções e um estacionamento, além de uma hospedaria com 20 apartamentos. (NEIVA, 01 jul. 1998, p. 3)

Durante um ano a secretária de cultura trabalhou para arrecadar recursos para a construção do projeto de Saul Vilela, até que Maurício Ricardo Quirino, coordenador geral do jornal Correio escreveu o editorial: “Por que não um Niemeyer?”. O texto publicado no dia 19 de março de 1999 questionava a construção do projeto de Saul Vilela já que a cidade tinha um projeto de Oscar Niemeyer, considerado por ele como papa da arquitetura mundial, à disposição. No editorial, Mauricio Ricardo diz que o projeto que já estava pago mofava em uma gaveta e que na época em que ele havia sido doado a prefeitura um Niemeyer já era um “Niemeyer” e 10 anos depois as pessoas estavam mais conscientes em relação a importância do turismo e dos marcos arquitetônicos, por isso propôs que o projeto merecia uma “segunda olhadela”. (QUIRINO, 19 mar. 1999, p. 24)

O editorial refletiu de forma positiva na administração municipal e o projeto de Niemeyer foi retomado um mês depois. No fim do ano de 1999, depois de 10 anos da elaboração do projeto e a obra começou a sair do papel. Foi realizada a terraplanagem do terreno da prefeitura, na Avenida Rondon Pacheco. Mas para que essa mudança de terreno pudesse acontecer, os engenheiros do escritório de Oscar Niemeyer fizeram modificações na planta original que havia sido feita para o terreno do bairro Santa Mônica. (QUIRINO, 17 abr. 1999, p. C-1)

No ano 2000, último ano do governo Virgílio Galassi somente a fundação do teatro havia sido realizada. No ano seguinte, já no governo de Zaire Rezende, mesmo tendo deixado o cargo, a ex-secretária de cultura, Terezinha Magalhães continuava em busca de

recursos para a obra do Teatro Municipal. Ela se tornou responsável pela Unaub, entidade aprovada pelo Ministério da Cultura para fazer a captação dos recursos. A frente da entidade, Terezinha decidiu vender de cadeiras cativas para ajudar na arrecadação. De acordo com reportagem do jornal Correio do dia 1º de março de 2001, estavam à venda 240 cadeiras de três setores diferentes e o preço variava de três mil a mil reais. Quem comprasse as cadeiras teria acesso aos espetáculos sem custo nos próximos 10 anos e ainda poderia ceder o espaço a terceiros, desde que confirmasse presença no espetáculo 24 horas antes, caso contrário a direção do Teatro poderia vender a entrada. (SILVA. 01 mar. 2001, p. C1)

Mas a venda das cadeiras e o atraso nas obras foram contestados pela secretária de cultura, Lídia Meirelles. A prefeitura entrou na justiça contra a Unaub e conseguiu o direito de administrar as obras do Teatro Municipal. Nessa época o valor necessário para a conclusão da obra, seria de 10 milhões de reais. (TIAGO. 23. mar. 2002, p. A3)

Porém para administrar as obras, a prefeitura precisaria de outra entidade, foi aí que a Associação de Teatro de Uberlândia, a ATU entrou em cena. A associação ficou responsável por captar os recursos e prestar contas ao Ministério da Cultura, porém somente nove meses depois, já fevereiro de 2003 a associação recebeu toda a documentação do teatro que estava com a Unaub. (CORREIO, 12 fev. 2003, p. C1)

A obra nessa época já custava em torno de 15 milhões de reais e a ATU só estava autorizada pelo Ministério da Cultura a captar 10% desse valor, situação que dificultava os trabalhos. Além disso, em dezembro de 2003 os funcionários da prefeitura que eram filiados ao Partido dos Trabalhadores, foram exonerados, inclusive a secretária de cultura, Lídia Meirelles, que saiu do cargo lamentando não ter dado seguimento à construção do Teatro Municipal. (GUERRA, 9 dez. 2003, p. C6)

As obras foram retomadas em maio de 2004, quando começaram a ser construídas rampas e parte da cobertura. É o que informa a reportagem “Devagar, quase parando” do jornal Correio. De acordo com a matéria, o secretário de cultura que havia assumido o cargo, Alcides Melo ainda não havia informado a previsão de término. (GUERRA, 25 mai. 2004, p. C1)

Mas durante o governo Zaire somente uma parte da obra foi construída, o foyer. Foi entre 2005 e 2008, durante o primeiro mandato do próximo prefeito, Odelmo Leão que a obra tomou corpo. Recursos do orçamento municipal e de captações fiscais permitiram que o teatro fosse finalmente visto como uma obra concreta. Foi nesta fase que a parte externa foi utilizada para apresentações de espetáculos e shows, como o Festival de Dança do

Triângulo e apresentação da Orquestra Jovem de Minas Gerais. Mas a obra ainda não estava totalmente pronta e novos estudos foram feitos para implantação de novas tecnologias. Mas foi nos anos de 2011 e 2012 que se criou a expectativa do fim das obras. Nessa fase foram incluídos projetos específicos e feitas as instalações do mobiliário, elevadores, geradores de energia, a colocação das cerca de 800 poltronas, a execução dos projetos de cenotécnica e de iluminação, além do acabamento. (TEATRO MUNICIPAL, s.d)

Foi também em 2012 que chegou ao fim a polêmica da venda das cadeiras cativas, de acordo com reportagem do portal G1, da página do Triângulo Mineiro, a secretária de cultura, Mônica Debis anunciou que quem comprou cadeiras do Teatro Municipal deveria procurar a Prefeitura para receber o dinheiro de volta. (PREFEITURA, 4 abr. 2012)

A inauguração do Teatro Municipal de Uberlândia⁵ foi feita no dia 20 de dezembro de 2012 pelo prefeito Odelmo Leão, 15 dias depois de Niemeyer ter falecido aos 104 anos, no Rio de Janeiro. Naquela noite, os convidados assistiram a espetáculos de música de grupos da cidade. Nos três dias que se seguiram, a prefeitura promoveu a “Semana Oficial de Abertura do Teatro Municipal de Uberlândia” com manifestações ligadas às artes plásticas, cênicas, música e dança, todas produzidas por artistas de Uberlândia.

Mas no ano seguinte, o Teatro ficou fechado ao público. De acordo com o novo secretário de cultura, Gilberto Neves, em entrevista a TV Integração, afiliada Rede Globo, se o Teatro havia sido inaugurado ele ainda não estava pronto, faltavam equipamentos de iluminação, sonorização e um motor para o portão do palco. O secretário ainda informou que havia feito um estudo de custo e prazo para término das obras, estudo que já havia sido entregue para o prefeito, Gilmar Machado. (VISTORIA TEATRO, 28 fev. 2013)

Em abril, os artistas de Uberlândia se mobilizaram e organizaram a "desinauguração" do Teatro Municipal. Uma noite de apresentações culturais com um caráter reivindicatório para chamar atenção do poder público para a situação do Teatro, já que apesar de inaugurado ainda não havia sido entregue à população de fato.

O Teatro Municipal só foi reaberto em julho de 2013 quando produtores culturais da cidade organizaram a vinda da primeira grande companhia ao Teatro Municipal de Uberlândia. Em três apresentações, “Nó”, “Velox” e “Tatyana” a Cia Deborah Colker, abriu a temporada de grandes espetáculos em Uberlândia. Desde então, já se apresentaram no

⁵ Cerca de R\$ 25 milhões foram empregados na construção da obra que tem área total de 66.669,92 m² e cerca de 5.000 m² de área construída, com recursos provenientes do Município e da captação fiscal pela Lei Rouanet. (TEATRO MUNICIPAL, s.d)

palco do Teatro Municipal diversos atores e atrizes de renome nacional, além de produções locais de dança, música e teatro.

Diante dessa história do Teatro Municipal de Uberlândia, cheia de momentos de certezas e de mudanças de planos, de esperanças e de desânimo, de força de vontade e de problemas, ela tem elementos suficientes para embasar o roteiro de um documentário. Foram necessários 23 anos de luta para que Uberlândia tivesse um Teatro Municipal, uma obra de Oscar Niemeyer que poderia ter ficado esquecida em uma gaveta, mas que encontrou forças para se erguer e superar uma trajetória cheia de retas e curvas. Uma história que pode parecer local, mas por traz quer denunciar o descaso com a cultura que não acontece só em Uberlândia, mas em todo o país.

Rosenthal no Roteiro “Entre Retas e Curvas”

A fim de não comprometer o número de páginas deste artigo o roteiro do documentário “Entre Retas e Curvas: uma história do Teatro Municipal de Uberlândia” não será descrito de forma completa, somente serão evidenciadas algumas partes para mostrar o uso dos ensinamentos do autor escolhido para dar suporte conceitual ao filme.

Como foi citado anteriormente neste artigo, Alan Rosenthal afirma que os roteiros precisam conter as ideias principais do filme, uma abertura, uma progressão lógica, uma visualização, um ritmo e um clímax. Além de um fluxo lógico e emocional com nível de intensidade que deve variar e um final definitivo, uma resolução.

Em se tratando de ideias principais, no caso do roteiro de “Entre Retas e Curvas” o principal é demonstrar o descaso com a cultura por meio da demora na conclusão do Teatro Municipal de Uberlândia. Outras ideias adjacentes são: evidenciar a importância de um Teatro Municipal para a cidade e a região e entender como esse espaço contribuiu para cultura. Essas ideias estarão contidas nos depoimentos dos entrevistados, nas imagens de arquivo e na forma de condução da história.

A abertura do filme será composta por imagens de um dos espetáculos apresentados pela Cia Deborah Colker em 2013 no Teatro Municipal e terminará com as cortinas fechadas e a voz *over* do próprio Teatro Municipal dizendo que aquela era uma sensação nova, ter a plateia lotada, aplausos, mas que não deveria, já que havia sido projetado, 23 anos antes, em 1989, por Oscar Niemeyer. A abertura exerce a função direta de dizer que o filme é sobre o Teatro Municipal de Uberlândia, de mostrar um ponto alto do Teatro com

apresentação de uma Cia renomada no Brasil e no mundo, mas também leva o público ao começo da história e faz com que ele assista ao documentário para ter respondidas algumas questões: como foi o período de construção dessa obra de Oscar Niemeyer? O que aconteceu para que demorasse tanto? Será que ela poderia não existir?

A partir daí o roteiro começa a ser escrito de acordo com uma progressão lógica cronológica, mas também embasada na resolução do conflito. Essa progressão se dá por meio do fio condutor da história que é o próprio Teatro Municipal. Além da *voz over* que aparece na abertura, ela retorna algumas vezes para situar o público em relação à época e aos fatos. É como se o próprio Teatro fosse narrando os fatos em *flashback* na ordem dos acontecimentos e também levando o telespectador a conhecer os problemas, os conflitos enfrentados pelo Teatro até a sua resolução. Como prevê Rosenthal, essa voz serve para marcar os blocos lógicos ou sequências do documentário. Cada sequência começa com a voz do Teatro e se desenrola com os depoimentos dos entrevistados do filme que participaram daquele capítulo da história. Quando o tema muda, essa voz surge novamente e muda o rumo do que está sendo dito e, na maioria das vezes, mudam também os personagens. A estrutura em blocos pode ser evidenciada neste quadro:

CENA INICIAL	CENA FINAL	Nº CENAS	BLOCO TEMÁTICO	PERÍODO TEMPO
1	3	3	Teatro pronto – abertura	2013
4	12	9	Projeto (características e como viabilizá-lo)	1989
13	18	6	Recessão (arrecadação parada)	1990
19	26	8	Situação dos outros teatros da cidade	Dec. 1990
27	30	4	Surge um novo projeto	1998
31	33	3	Começo das obras	1999 a 2000
34	37	4	Situação na justiça (obras embargadas)	2001 a 2003
38	43	6	Recomeço das obras CLÍMAX	2004
44	46	3	Inauguração CLÍMAX	2012
47	49	3	Teatro inacabado	2013
50	51	2	Ocupação da área externa	2013
52	53	2	“Desinauguração” do Teatro Municipal	2013
54	56	3	Reinauguração CLÍMAX	2013
57		1	Cenas de apresentações atuais	2013 a 2015
58		1	Encerramento com palavras de Niemeyer	2015

Além da visualização da divisão do roteiro em suas sequências o quadro acima pode ser usado para entender o ritmo do documentário. Ritmo que pode ser exemplificado pela quantidade de cenas distribuídas em cada bloco de sequências. O início do documentário tem blocos com maior número de cenas, o que serve para dar uma sensação de demora nas

obras e consegue também abranger um tempo cronológico maior, evidenciado na coluna período de tempo. Assim que a história chega ao clímax ela acelera, o número de cenas em cada bloco se torna menor. Até porque depois do clímax os acontecimentos também na vida real se deram em um menor tempo. Situação que pode ser demonstrada pelo período compreendido por cada sequência.

O clímax do documentário “Entre Retas e Curvas” começa na cena de número 40 quando as obras são retomadas de vez e os artistas já começam a ocupar a obra, mesmo estando inacabada. O que secretárias de cultura, artistas e produtores culturais lutaram para conseguir nas 39 cenas anteriores começa a se delinear e têm seu ápice na cena 44, na inauguração do Teatro Municipal de Uberlândia. Mas o clímax não é acompanhado pelo desfecho e sim por mais problemas que desembocam em outro clímax menor, a abertura do Teatro pela Cia Deborah Colker e entrega do espaço para a comunidade. Aí sim a história se aproxima do momento atual e o documentário tem um fim definido, que mostra que o Teatro Municipal de Uberlândia mesmo com todos os seus tropeços pelo caminho hoje funciona e recebe artistas de todo país e da cidade também. Além disso, o filme termina com um clima de reflexão do próprio Teatro em relação a sua história. Ele reconhece que ela foi cheia de tropeços ao longo do caminho, um caminho cheio de curvas, assim como as obras de Niemeyer. Nesse momento a voz do Teatro se confunde com a voz do próprio Oscar Niemeyer que recita uma prosa⁶ exaltando a curva, prosa que está escrita em uma das paredes do Teatro Municipal de Uberlândia.

A visualização dos acontecimentos se dará com imagens de arquivo em sua maioria, arquivos dos próprios participantes do documentário, arquivos da prefeitura de Uberlândia e da TV Integração, afiliada Rede Globo em Uberlândia, que possuiu em seu Centro de Documentação entrevistas com o prefeito Virgílio Galassi no dia em que ele anunciou a construção do então Centro Cultural de Niemeyer e do próprio Oscar Niemeyer falando sobre a ideia inovadora que ele teve para o palco do Teatro Municipal de Uberlândia, de abrir-se tanto para dentro para a plateia de 800 lugares, como para fora, para um público de aproximadamente 20 a 30 mil pessoas.

Sobre a velocidade, Rosenthal aconselha que ele tenha um fluxo de intensidade emocional variante e que os conflitos cresçam até se chegar ao clímax. Essa variação da intensidade emocional pode ser exemplificada no quadro abaixo que descreve algumas

⁶ “Não é o ângulo reto que me atrai, nem a linha reta, dura, inflexível, criada pelo homem. O que me atrai é a curva livre e sensual, a curva que encontro nas montanhas do meu país, no curso sinuoso dos seus rios, nas ondas do mar, no corpo da mulher preferida. De curvas é feito todo o universo, o universo curvo de Einstein”. Oscar Niemeyer.

cenar e as classifica de acordo com uma nota de 1 a 5 dependendo da intensidade que elas contem, de forma a se saber se o material forte está distribuído ou concentrado no filme.

BLOCO TEMÁTICO	CENA (breve descrição)	INTENSIDADE
Teatro Pronto	1 – Plateia se enchendo de público em <i>time lapse</i> .	1
Projeto	5 – Arquivo do ex-prefeito Virgílio Galassi falando que havia recebido o projeto de Niemeyer.	2
	8 – Arquivo de Oscar Niemeyer contando como foi a ideia de um palco que servisse tanto para a parte interna quanto externa do Teatro.	2
Recessão	15 – Economista explica que a recessão atacou a economia brasileira e as doações para a construção do teatro foram interrompidas.	4
	17 – Sec. de cultura do governo Paulo Ferolla conta que o Teatro não constava nos planos dos próximos quatro anos.	5
	18 – Jornalista conta que Paulo Ferolla chegou a prometer outro teatro, mais modesto.	5
Situação outros teatros	20 – Musicista conta que tinha vergonha de trazer músicos do exterior para se apresentarem no Teatro Rondon Pacheco.	4
	21 – Bailarina diz que o palco do teatro Grande Othelo tinha buracos e ela tinha medo de dançar.	4
	22 – Coreógrafa diz que a cidade estava sendo reconhecida nacionalmente por causa do Festival de Danças do Triângulo, mas não tinha um teatro à altura. Um palco era adaptado em um ginásio.	5
Surge um novo projeto	29 – O arquiteto Saul Vilela conta que foi convidado para desenhar outro projeto para o Teatro Municipal de Uberlândia.	5
	30 – O coord. geral do jornal Correio publica um editorial perguntando “Por que não um Niemeyer?”	4
Começo das obras	33 – Sec. de Cultura do governo Galassi diz que as obras de terraplanagem começaram em 1999.	5
Situação na justiça	36 – Sec. de cultura do governo Zaire Rezende conta que a prefeitura entrou na justiça e embargou a obra por causa da demora e da venda de cadeiras cativas.	5
Recomeço das obras (CLÍMAX)	41 – Pátio externo recebeu espetáculos de dança e de música mesmo com o teatro em obras.	5
Inauguração (CLÍMAX)	46 – Noite de inauguração do teatro com a banda municipal.	5
Teatro inacabado	48 – Sec. de Cultura atual conta que o teatro ficou fechado por 6 meses depois de inaugurado.	3
	49 – Arquivo que mostra o técnico da Funarte em visita ao teatro e conclui que faltam equipamentos.	3
Ocupação área externa	50 – Esportistas adotaram a praça em frente ao teatro como local para a prática de atividade física.	2

“Desinauguração”	53 – Artistas protestam no pátio do Teatro para “desinaugurá-lo” já que continuava fechado.	3
Reinauguração	55 – Cenas de apresentações da Cia Deborah Colker na reabertura do Teatro.	3
Cenas atuais	57 – Cenas de espetáculos que passaram pelo Teatro.	2
Encerramento	58 – Encerramento com a voz do Teatro dizendo que aquele foi o caminho que ele percorreu, cheio de certezas e incertezas, cheio de retas e curvas.	4

Considerações finais

A aplicação da estrutura de roteiro de documentário de Rosenthal no roteiro “Entre Retas e Curvas” primeiramente serviu para que se tivesse certeza de que a história desse teatro tem elementos suficientes para se tornar o roteiro de um filme. A quantidade de conflitos que ela possuiu contribui para que a história não fique monótona e a busca pela resolução desses conflitos é um fator que pode prender a atenção do público. Além disso, estruturar o roteiro em blocos ou seqüências temáticas serviu para enxergar melhor as suas divisões e os fluxos que existem entre elas. A classificação pela intensidade das cenas é mais um indício de que a história deverá prender o público.

Outro ponto importante é que o roteiro foi escrito depois de uma fase de pesquisa detalhada, assim como orienta Rosenthal. As informações obtidas nessa fase possibilitaram que o roteiro fosse escrito de forma a narrar os principais acontecimentos da história para tentar alcançar um dos objetivos que é de informar o público.

O outro objetivo, que é tornar o filme atrativo está evidenciado de forma mais clara no roteiro na medida em que o próprio Teatro tem sua voz e isso faz com que a seqüência de entrevistas não fique monótona, faz com que haja uma quebra, um momento de respiro. Além disso, as imagens de arquivo, os enquadramentos das entrevistas, as imagens do próprio Teatro e a edição também deverão contribuir para que o documentário não fique monótono e seja de fato atrativo.

Porém, é sabido que em se tratando de um documentário o que está descrito no roteiro pode mudar em relação ao produto final. Tudo vai depender das gravações, da disposição dos entrevistados, da memória deles, do carisma ou não que eles possuem. Dependerá também da condução das entrevistas, do direcionamento dado nas perguntas e finalmente da edição do documentário. A história poderá ganhar novos rumos, fazer novas curvas, mas o roteiro será um porto seguro onde a documentarista poderá retornar.

REFERÊNCIAS

AWM, Uberlândia. Falta de verbas atrasa obra do Centro Cultural. **Correio de Domingo**, Uberlândia, Minas Gerais, 18 out. 1992, p. 21.

GUERRA, Sabrina. Sai Lídia Meirelles entra Alcides Melo. **Correio**, Uberlândia, Minas Gerais, 9 dez. 2003. Caderno Revista, p. C6.

GUERRA, Sabrina. Devagar, quase parando. **Correio**, Uberlândia, Minas Gerais, 25 mai. 2004. Caderno Revista, p. C1.

MONTEIRO, Clarice. **Compra de cadeiras do Teatro Municipal serão canceladas**. **Correio de Uberlândia**. 04 abr. 2012. Entretenimento. Disponível em: <http://www.correiodeuberlandia.com.br/entretenimento/compra-de-cadeiras-do-teatro-municipal-serao-canceladas/>. Acesso em: 17 jun. 2014.

NEIVA, Renata. Galassi deve construir teatro municipal até 2000. **Correio**, Uberlândia, Minas Gerais, 01 jul.1998, p.3.

ONÓRIO, Arquimedes Albino. Plano Econômico pode afetar ritmo de obras do prefeito. **Correio de Domingo**, Uberlândia, Minas Gerais. 15. abr. 1990, p. A-3.

PAMPLONA, Gleides. Ferolla e Nestor prometem Centro Cultural. **Correio do Triângulo**, Uberlândia, Minas Gerais. 15 set. 1993. Caderno Revista, p. C1.

PREFEITURA, de Uberlândia devolve dinheiro a empresários. 04 abr. 2012. Disponível em: <http://g1.globo.com/minas-gerais/triangulo-mineiro/noticia/2012/04/prefeitura-de-uberlandia-devolve-dinheiro-empresarios.html>. Acesso em: 18 jun. 2014

QUIRINO, Maurício R.. Por que não um Niemeyer? **Correio**. Uberlândia, Minas Gerais, 19 mar. 1999. Caderno Revista, p. 24.

_____, Maurício R. Vai ser um Niemeyer? **Correio**. Uberlândia, Minas Gerais 17 abr. 1999, p. C-1.

RIBEIRO, Rosângela. Entrevista. **Correio de Domingo**, Uberlândia, Minas Gerais, 01 out. 1989. p.15.

ROSENTHAL, Alan. **Writing, directing, and producing documentary films and videos**. 3. ed. Illinois: Southern Illinois University Press Carbondale And Edwardsville, 2002. 393 p.

SILVA. Emilene. Cadeiras do Teatro estão à venda. **Correio**. Uberlândia, Minas Gerais. 01 mar. 2001. Caderno Revista. p. C1.

TEATRO MUNICIPAL. Disponível em: <http://www.uberlandia.mg.gov.br/?pagina=secretariasOrgaos&s=23&pg=808> Acesso em: 17 de jun. 2014.

TIAGO. Dione. PMU ganha controle na justiça. **Correio**, Uberlândia, Minas Gerais, 23. mar. 2002, p. A3.

UBERLÂNDIA. Niemeyer vai projetar novo Centro Cultural. **Correio de Uberlândia**, Uberlândia, Minas Gerais. 24 jan. 1989, p.3

_____. Secretária municipal de cultura pede demissão. **Correio**, Uberlândia, Minas Gerais, 26 jun. 1998, p. 3.

VISTORIA TEATRO. MGTV 2ª edição. **TV Integração**, 28 de fevereiro de 2013. Reportagem de televisão.